

“*Que votre France est belle à n'en plus finir*”: o processo de composição do relato de viagem *Chão de França*, de Ruy Ribeiro Couto¹

Samara Fernanda A. O. de Lócio e Silva Geske²

Resumo

Adotando a perspectiva do leitor contemporâneo, o artigo em questão tem como objetivo refletir sobre o processo de composição do relato de viagem *Chão de França*, de Ruy Ribeiro Couto, publicado em 1935, a partir das cartas trocadas entre o autor e o editor da revista *Cahiers du Sud*, Jean Ballard. Embora as cartas do autor não tratem especificamente do processo de criação do texto, elas fornecem pistas valiosas para pesquisadores que buscam entender o seu processo de composição, para o qual o autor se valeu de crônicas publicadas em jornais acerca de viagens que empreendeu quando servia como diplomata na França. Essas pistas são especialmente importantes porque, ao contrário de outros autores de relatos de viagem, Ribeiro Couto não escreveu um prefácio para o seu livro no qual refletisse sobre a transposição literária de sua experiência de viagem. Nesse sentido, o artigo contribui para a compreensão do processo criativo do relato de viagem de Ruy Ribeiro Couto, bem como para a reflexão sobre como a correspondência pessoal de um escritor pode ser utilizada para o estudo deste processo.

Palavras-chave: Ribeiro Couto; Correspondência; Relato de viagem; Processo de composição.

Abstract

This article aims to reflect on the composition process of the travel account *Chão de França* by Rui Ribeiro Couto, based on the letters exchanged between the author and the editor of *Cahiers du Sud* magazine, Jean Ballard. Although the author's letters do not specifically address the process of creating the text, they provide valuable clues for researchers seeking to understand how the composition process took place. Couto relied on chronicles published in newspapers about his travels while serving as a diplomat in France. These clues are

- 1 Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla que resultou na dissertação de mestrado intitulada *La France à travers les récits de voyageurs brésiliens: une étude de l'oeuvre Chão de França, de Ruy Ribeiro Couto*.
- 2 Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês da FFLCH-USP. Leitora de Língua Portuguesa na Universidade de Aix-Marseille, França. E-mail: samaralocio@gmail.com.

particularly important because, unlike other travel account authors, Couto did not write a preface to his book reflecting on the literary transposition of his travel experience. In this sense, the article contributes to the understanding of Ruy Ribeiro Couto's creative process and reflects on the nature of travel writing based on his personal correspondence.

Keywords: Ribeiro Couto; Correspondence; Travel account; Composition process.

Introdução

Ruy Ribeiro Couto já era um escritor conhecido quando, em outubro de 1928, nomeado pelo então presidente Washington Luiz, parte para França a fim de assumir o cargo de auxiliar extra-numerário no Consulado do Brasil na cidade de Marselha, onde permanecerá até 1931. Promovido a cônsul de terceira classe, muda-se em 1932 para Paris. No seu retorno ao Brasil, em 1934, essa experiência como diplomata dá origem à obra *Chão de França*, publicada em Companhia Editora Nacional, em meados de 1935³.

Chão de França pertence ao gênero literatura de viagem, que engloba textos que apresentam uma variedade de formas, incluindo correspondências, diários e relatos de viagem⁴. Embora não se trate de um gênero fixo e codificado em termos macro e microtextuais, o relato de viagem responde a certas expectativas. Estas incluem a adesão a uma estrutura linear, que o torna semelhante ao diário de viagem, com uma exceção: enquanto o diário é construído a partir de notas tomadas durante a viagem, em ordem cronológica; o relato é entendido como uma narrativa escrita posteriormente à viagem. No entanto, é possível que um relato se baseie nas anotações de um diário, adotando a natureza linear deste último⁵. No caso do relato de viagem, esta linearidade está muitas vezes ligada à ideia de um itinerário de viagem que segue uma progressão ao mesmo tempo temporal e geográfica.

Chão de França é composto por vinte e cinco capítulos curtos, cada um tendo por título o nome de uma cidade ou região francesa, sugerindo, assim, um itinerário de viagem. O relato começa com o desembarque do narrador no porto do Havre, seguindo-se vinte e três capítulos em que escreve sobre as cidades visitadas, e termina com o retorno ao Brasil a partir do porto de Marselha, com uma escala em Dakar.

À primeira vista, o livro tem todas as características de um relato de viagem típico, isto é, baseia-se numa experiência espaço-temporal, composta por uma viagem de ida, a estadia e o regresso à casa. De fato, a narrativa segue essa estrutura tripartida e tudo leva a crer que as cidades são visitadas uma após a outra, seguindo uma ordem temporal. Geograficamente, porém, o itinerário assume a forma de um verdadeiro zigzague pela França. Este fato levanta questões sobre a forma como a viagem foi representada no livro, pois podemos imaginar que Ribeiro Couto não empreende apenas uma, mas diversas viagens pelo território francês durante a sua estadia de quase 3 anos no país. Por essa razão, Sandra Nitrini levanta a hipótese de

3 COUTO, R. R. *Chão de França*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

4 GANNIER, O. *La littérature de voyage*. Paris: Ellipses, 2001, p. 5.

5 PASQUALI, A. "Récit de Voyage et Autobiographie". In : *Annali d'Italianistica*, vol. 14, 1996, p. 74. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/24007434>>. Acesso em: 19 jul. 2023.

que o percurso relatado pelo narrador de *Chão de França* tenha sido intencionalmente concebido para simular as etapas de uma única viagem⁶.

No entanto, na edição publicada do seu relato, não há nenhuma menção explícita às circunstâncias de viagem ou ao contexto em que a sua obra foi escrita, informações que costumam ser evocadas no prefácio deste tipo de obra. Esta é outra expectativa do gênero, como salienta Adrien Pasquali: “*Il est d'autre part significatif de constater que les auteurs d'un unique récit, qui plus est un récit de voyage, font le plus souvent précéder celui-ci d'un exposé des raisons qui les ont conduits à entreprendre leur voyage et à en publier le récit [...]*”⁷

Embora esta ausência não afete a compreensão do livro, ela levanta questões sobre o seu processo de composição. A ausência de uma introdução que esclareça as motivações desta viagem ou o processo de transposição literária desta experiência nos leva a indagar: a sequência dos capítulos acompanha realmente a progressão geográfica e temporal de uma única viagem pela França? Se não, qual seria a ordem adotada e como se deu a composição do relato? No entanto, essas questões nos conduzem a uma reflexão mais profunda: por que o autor teria optado por estruturar sua narrativa dessa maneira?

O objetivo deste artigo é, dessa forma, refletir sobre o processo de composição de *Chão de França*. Para isso, recorreremos à correspondência entre Ribeiro Couto e Jean Ballard, editor da revista literária *Cahiers du Sud*. Embora as cartas trocadas entre ambos não tratem especificamente do processo de criação desta obra, elas fornecem pistas valiosas para aqueles que buscam entender como ocorreu o seu processo de composição, uma vez que guardam o testemunho das viagens empreendidas por Couto enquanto morava na França.

O peritexto de *Chão de França*

Chão de França foi publicado no Brasil, em agosto de 1935, e, desde então, nenhuma outra edição foi lançada. Seu autor já não é tão conhecido, tendo seu nome sido eclipsado pelas grandes figuras do modernismo brasileiro⁸. Dessa forma, o leitor que hoje tem *Chão de França* em suas mãos sabe muito pouco sobre o livro. Ele dispõe apenas do paratexto, isto é, o conjunto de elementos que acompanham o texto e oferecem, de acordo com Gérard Genette, indicações de leitura e interpretação⁹.

O paratexto pode ser dividido em duas categorias distintas: o peritexto e o epitexto. O epitexto refere-se a todos os elementos que estão fora do próprio livro, como entrevistas do autor ou sua correspondência. Já o peritexto engloba todos

6 NITRINI, S. “Viagens reais, viagens literárias: escritores brasileiros na França”. In: *Literatura e Sociedade*, v. 3, n. 3, p. 51–61, 1998.

7 PASQUALI, op. cit., p. 72.

8 Cf. HELIO, M. “De poetas menores e de Ribeiro Couto”. Disponível em: <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/resenha/FCRB_MarioHelio_De_poetas_menores_RibeiroCouto.pdf>. Acesso em 19 de julho de 2023.

9 GENETTE, G. *Seuils*. Paris: Édition du Seuil, 2002.

os elementos presentes dentro do mesmo volume do texto, como o título, a capa, a introdução, a quarta capa, a dedicatória e o sumário. Esses componentes do peritexto desempenham um papel crucial na mediação entre o texto e o leitor, influenciando assim a forma como este último compreende a obra.

Examinemos cuidadosamente o peritexto específico de nossa obra. O título *Chão de França* indica o assunto do livro, enquanto a capa e a quarta capa ilustradas com um mapa mundi revelam que se trata do sétimo volume da coleção “Via-gens”, da editora Companhia Nacional. Assim, segundo Genette, se o selo de coleção indica imediatamente ao leitor o tipo, ou até mesmo o gênero da obra em questão, pode-se supor que se trate de um relato de viagem à França.

De fato, o índice mostra que o livro é composto por 25 capítulos curtos, cada um com o nome de uma cidade ou região francesa. O primeiro capítulo, intitulado “Primeira entrevista com a terra de França” e o último “Escala à Dakar” confirmam que o texto segue a estrutura tripartida comum à maioria dos relatos de viagem: o primeiro capítulo relata a chegada à França, os vinte e três capítulos seguintes descrevem a estadia e o último capítulo evoca o retorno. Os títulos dos capítulos indicam claramente a rota seguida pelo viajante, que começa no norte do país (com chegada ao porto de Le Havre e visitas a Fécamp e Étretat, na mesma região), passa por Paris, desce para o leste (Grenoble e Uriage-les-Bains), atinge o sul até Marselha (Marselha, Côte d'Azur, Arles), sobe para o leste (subida do Rhône, Lyon, descida do Rhône) e depois se dirige para o oeste (Avignon, Toulouse, Lourdes, Bayonne). A viagem termina em Marselha, de onde o narrador retorna para o Brasil, com uma escala em Dakar. Conhecendo um pouco da geografia do território francês, pode-se constatar que essa rota é bastante peculiar, e configura-se como um verdadeiro zig-zague através da França, o que nos leva a questionar se se trata de uma rota seguida em uma única viagem, como a estrutura do livro parece sugerir.

Logo após o índice, um texto sem título, justificado à direita e escrito em itálico, pode ser identificado como um prefácio, devido a seu caráter introdutório e pelo discurso que faz sobre o livro. No entanto, este texto não cumpre integralmente o papel convencional de um prefácio, o qual é o de informar o leitor sobre a origem da obra, as circunstâncias da sua redação e as diferentes etapas da sua gênese, como explica Genette.

De fato, esta breve nota introdutória, de tom poético, pretender explicar o que o livro não é: “Um livro sobre a França?”, pergunta-se retoricamente o autor para começar. “Não”, responde categoricamente, explicando em seguida que não se trata de um livro sobre a França em geral, mas sobre uma França muito particular:

Um livro sobre a França? Não: um pouco da poeira das estradas, reflexos de águas, farrapos de nuvens; e pedaços do chão de França, que pisei amorosamente: algumas paisagens, algumas cidades. Tudo tão rico de prazer para os olhos! Coisas cotidianas: árvores, campos, rios, igrejas, casas, ruas... Coisas ao alcance de todo aquele que passa com simpatia e enche de adeuses a memória. Façam de conta que estou em família. Em família é bom contar o que se viu pelos caminhos estrangeiros. Os episódios mais comuns assumem o ar das revelações extraordinárias: Na

estrada dos Alpes, uma tarde, havia sol e cantavam cigarras... E há sempre uma pessoa curiosa que gosta de ouvir.

Rio de Janeiro. Dezembro 1934¹⁰.

De uma forma sutil, o leitor pode mais uma vez compreender que o livro se insere no gênero relato de viagem, uma vez que apresenta as impressões subjetivas de um viajante que percorreu as estradas de França. No entanto, o leitor não deve esperar encontrar nele a França dos turistas ou dos cartões postais: trata-se sobretudo de coisas comuns, contadas por um alguém que assume a posição de um narrador oral, relatando tudo o que viu como se estivesse em família. Uma única indicação de lugar (Rio de Janeiro) e de data (1934) deixam claro que o autor já regressou ao seu país natal.

Como vimos, a falta de informação sobre a origem do texto é compensada pela função prefacial cumprida por esta nota liminar, que oferece indicações sobre o modo de ler a história. Desta forma, ela evidencia o interesse primordial de Ribeiro Couto na recepção do seu livro, relegando para segundo plano explicações concernentes à produção da obra. Contudo, a omissão dessa informação levanta a seguinte questão: por que o autor teria optado por essa abordagem menos convencional ao apresentar seu relato?

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que um prefácio não é de modo algum necessário para a compreensão de um relato de viagem, ainda que a sua presença forneça ao leitor um contexto adicional. Também é possível considerar que, em 1935, quando Ribeiro Couto era um intelectual extremamente famoso, seus leitores provavelmente sabiam que o escritor havia morado na França e acabara de voltar ao Brasil¹¹. Assim, os leitores contemporâneos da publicação da obra poderiam facilmente contextualizar a história através da imprensa, outra razão pela qual o autor pode ter optado por não incluir esta informação. Pois não podemos nos esquecer que, como salienta Odile Gannier, *“le récit de voyage se destine tout particulièrement à un lectorat donné, dans une société donnée, à une époque donnée”*¹².

Por conseguinte, ao se basearem apenas no peritexto, os leitores atuais de *Chão de França* não dispõem das informações necessárias para contextualizar o relato, nomeadamente no que diz respeito às circunstâncias da viagem e à forma como foi escrito. De fato, o prefácio, enquanto limiar entre o mundo exterior e o mundo do texto, é um lugar ideal para ilustrar como se passa de um ao outro.

Esta peça liminar reveste-se de particular importância na literatura de viagem. Tal como teorizado por Réal Ouellet, o prefácio dos relatos de viagem configura-se como um lugar privilegiado para que o viajante estabeleça o que ele denominou “pacto viático”. Com base num vasto corpus de relatos de viagem publicados nos

10 COUTO, op. cit., p. 13.

11 Como indica este trecho de uma resenha do livro, publicada em março de 1936: “Ribeiro Couto, benjamim da encanecida Academia de Letras, tem sabido tirar das viagens todos os encantos dos ambientes novos. Servindo no consulado em Marselha, traçou esse sagrado Chão de França com o amor de um intelectual latino.” “Literatura de viagens”, *Diário de Notícias*, 29 de março 1936.

12 GANNIER, op. cit., p. 8.

séculos XVI e XVII, este pesquisador demonstrou que os peritextos destas publicações serviam ao mesmo tempo “à *cautionner une action colonisatrice et à légitimer une écriture*”¹³. Este pacto viático era, assim, constituído por um pacto acancial, inscrito na epístola introdutória dirigida às autoridades¹⁴, e por um pacto literário, destinado ao público leitor, por meio do qual o viajante se tornava escritor¹⁵. Sustentamos, assim, que este pacto não se limitaria às narrativas de viagem das grandes explorações dos séculos passados, mas que pode manifestar-se também nas narrativas de viagem dos séculos XIX e XX, embora diversamente.

Nesse mesmo sentido, como assinala Jean-Claude Berchet, a narrativa de viagem, tal como a narrativa autobiográfica, exige uma justificação prévia para o ato de narrar¹⁶. O prefácio desempenha um papel essencial como espaço onde se dá esse discurso justificativo e no qual o autor visa responder às seguintes questões: por que viajar? E, em segundo lugar, por que contar a história dessa viagem? Berchet salienta que a essência da questão não reside tanto nas respostas, mas antes na inevitável atitude de interrogação. Trata-se sobretudo de um ato retórico, através do qual cada autor se posiciona como personagem da narrativa que se segue, procurando estabelecer o leitor como interlocutor privilegiado e companheiro de viagem.

Além disso, como Thaís Pimentel demonstrou mediante um corpus de relatos de viajantes brasileiros à Europa no final do século XIX e início do século XX¹⁷, o prefácio desempenha um papel fundamental na estrutura narrativa. Na maior parte das vezes, esses prefácios explicativos permitem aos autores não apenas justificar a decisão de contar sua experiência, mas também oferecer um argumento adicional para a publicação de mais um livro de viagem, um gênero que parecia já ter sido bastante explorado no período em questão.

Finalmente, como nos lembra Sandra Nitrini¹⁸, o prefácio permite também ao viajante/escritor falar do seu processo de escrita, ou seja, refletir sobre a transposição literária da experiência de viagem e explicar mais detalhadamente os pressupostos da sua empreitada.

Diante de todos os pontos levantados, podemos afirmar que, no relato de viagem que aqui nos interessa, a ausência de um prefácio de caráter explicativo ou

13 OUELLET, R. **La relation de voyage en Amérique, XVIe-XVIII siècles** : au carrefour des genres. Paris: Hermman, 2015, p. 9.

14 « *Bien plus qu'un hommage rendu ou formule de reconnaissance, l'épître liminaire se présente donc comme un pacte. Le voyageur se déclare mandataire d'un pouvoir qui lui a confié la tâche de découvrir ou de coloniser un territoire, d'y installer une infrastructure administrative, d'y convertir les Sauvages.* » Ibid., p.12.

15 « [...] *par-delà le pouvoir qui l'a mandaté, l'auteur de la relation de voyage veut rejoindre un destinataire plus large qui, à son tour, le mandate pour publier un livre rapportant son expérience à l'étranger.* » Ibid., p. 13.

16 BERCHET, J.-C. **Voyage en Orient** : Anthologie des voyageurs français dans le Levant au XIXe siècle. Paris: Robert Laffon, 1985.

17 PIMENTEL, T. V. C. **De viagens e de narrativas: viajantes brasileiros no além-mar (1913-1957)**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Acesso em: 22 jun. 2024., p. 56.

18 NITRINI, op. cit.

justificativo priva o leitor atual da informação necessária para compreender todos estes aspectos.

No que concerne o peritexto, em *Chão de França* temos ainda a presença de uma dedicatória, apresentada sob a forma de uma lista alfabética, na qual apenas figuram nomes franceses. Partindo das reflexões de Ouellet sobre os relatos de viagem dos séculos XVI ao XVIII, podemos conjecturar que, nos relatos de viagem do século XX, na falta da epístola introdutória direcionada às autoridades, a dedicatória possa cumprir uma função semelhante. De acordo com Genette, a dedicatória engaja o dedicatário na obra, buscando seu apoio e participação nela¹⁹.

A dedicatória, além disso, é sempre sinal de uma relação, seja ela intelectual ou privada, real ou simbólica. O traço que une os dedicatários escolhidos por Ribeiro Couto é que todos estão de alguma forma ligados ao universo literário, por serem poetas, tradutores e editores: Gabriel d'Aubarède, Thérèse Aubray, Jean e Marcelle Ballard, Pierre Bertin, Marcel Brion, Jean Duriau, Manoel Gahisto, Pierre Hourcade, Georges Pillement e Georges Readers. Mais do que uma simples lista, estes nomes revelam toda uma rede, se não de lusófilos, pelo menos de amigos abertos à literatura brasileira. No centro desta pequena rede destaca-se o nome de Jean Ballard, editor dos *Cahiers du Sud*, revista à qual todos estes nomes estão ligados de forma mais ou menos distante.

O epitexto: a correspondência entre Ribeiro Couto e Jean Ballard

Tal como descrito por Alain Paire²⁰, embora Jean Ballard não possa ser considerado um homem de letras, ele era um trabalhador intelectual incansável, alguém que sabia “unir à sua causa temperamentos muito diversos”. Sua revista, *Cahiers du Sud*, era como um crisol: um lugar de amizades que formava uma grande teia de relações. Ribeiro Couto foi um dos elos dessa rede de relações intelectuais e amigáveis tecida por Jean Ballard, com quem ele se correspondeu enquanto morava na França e mesmo posteriormente.

Dessa forma, dada a ausência de informações no peritexto de *Chão de França* que poderiam esclarecer tanto as circunstâncias da viagem pelo território francês quanto a sua construção textual, é útil consultar o epitexto dessa obra, isto é, as cartas trocadas com o editor dos *Cahiers du Sud*.

Nesse sentido, do ponto de vista genético, de acordo com Françoise Leriche e Alain Pagès, as cartas desempenham diversas funções: podem fornecer informações sobre as fontes de uma obra específica, como “um livro lido, uma informação obtida, um local frequentado, um evento inscrito na memória, etc.”; ou trazer comentários de natureza estética ou poética, “sobre a literatura de maneira geral ou

19 GENETTE, op. cit., p. 139.

20 PAIRE, A. *Chronique des Cahiers du Sud : 1914-1966*. Paris: IMEC éditions, 1993, p. 153-154.

sobre uma obra em particular que está sendo elaborada”²¹. Para o nosso estudo, estamos principalmente interessados nessa primeira função informativa.

O arquivo dos *Cahiers du Sud*, revista publicada de 1925 a 1966, assim como toda a correspondência e a biblioteca pessoal de Jean Ballard, encontra-se na Biblioteca Alcazar, na cidade de Marselha. No catálogo geral, consta o relato de viagem de Ribeiro Couto, juntamente com outros títulos de sua autoria igualmente raros e esgotados, com uma dedicatória especial ao casal Ballard, datada do mesmo ano de publicação.

Ribeiro Couto chega a Marselha em agosto de 1928 para trabalhar como auxiliar extra-numerário no Consulado do Brasil e visita, em meados de fevereiro de 1929, o famoso sótão onde se encontrava o escritório da revista marselhesa, na rua que hoje leva o nome de Jean Ballard. Uma palavra de agradecimento pela calorosa acolhida, datada de 21 de fevereiro de 1929, marca o início de uma longa e fiel correspondência que durará até 1961, ou seja, quase até o fim da vida do escritor, que faleceu em 1963. É interessante notar que, apesar da curta distância entre o escritório da revista e as dependências do Consulado (pouco de mais de um quilômetro), os anos de Ribeiro Couto em Marselha também são marcados por uma intensa troca de cartas.

Todas as missivas são escritas em francês, língua que Ribeiro Couto dominava com maestria. No arquivo, de 1929 até o outono de 1930, encontramos apenas a correspondência enviada pelo escritor brasileiro e, a partir do final do ano de 1930, temos também as cópias em carbono das cartas escritas por Ballard, momento em que sua esposa, Marcelle, torna-se secretária dos *Cahiers du Sud*. Aliás, graças a ela, toda a correspondência relacionada à revista foi organizada e doada à cidade de Marselha.

Nessas primeiras cartas, os amigos discutem sobre os artigos e traduções que Ribeiro Couto prepara ou solicita que sejam preparados para os *Cahiers*. Aqui e ali, encontram-se pequenas notas pessoais sobre as pessoas conhecidas por intermédio de Ballard (Raymond Castel, Charles Brun e Marcel Pagnol), bem como sobre as viagens empreendidas por Couto. Na carta de 14 de julho de 1929, ele menciona uma visita a Grenoble: “*je pars demain pour Grenoble (je vais m’énivrer d’évocations stendhaliennes)*”²².

Ao final de novembro, descobrimos por meio de uma série de cartões-postais que Ribeiro Couto efetua uma pequena viagem. O primeiro cartão-postal, datado de 22 de novembro de 1929, é enviado de Burgos, seguido de outros quatro que formam um itinerário de viagem: Bayonne, também datado de 22 de novembro; e depois a cidade do Porto, em Portugal, em 27 de novembro; Lisboa e Madrid, datadas respectivamente de 4 e 10 de dezembro. No cartão-postal enviado de Bayonne, o brasileiro expressa toda a sua profunda admiração pela terra natal de Bal-

21 LERICHE, F.; PAGÈS, A. (org.). **Genèse & correspondances**. Paris: ITEM: EAC, Éd. des archives contemporaines, 2012, p.2.

22 Arquivo Cahiers du Sud, Bibliothèque Alcazar, Marseille, JBMs 335.4.

lard. Ele escreve: “*Que votre France est belle à n'en plus finir*”, que pode ser traduzido como “Como é bela a sua França, de uma beleza sem fim”. Ao final, ele revela um desejo inesperado: “*Que j'aimerais être français*”, ou seja, “*Como eu gostaria de ser francês*”²³.

Em *Chão de França*, dois capítulos serão dedicados ao relato das visitas a essas cidades: o capítulo VI intitulado “Em Grenoble, com a lembrança de Stendhal” e o capítulo XXI “Sugestões de Bayonne”. Essa informação estabelece uma primeira interrogação acerca do itinerário sugerido pela ordem dos capítulos e nos lança as primeiras bases para pensar que a organização da narrativa não segue o percurso real da viagem empreendida por Couto. Nesse sentido, Sandra Nitrini corrobora nossa hipótese quando afirma que “tudo indica que o itinerário seguido pelo narrador foi construído para simular as etapas de uma única viagem”. A posição ocupada por Marselha na narrativa (capítulos VIII “Bairro do vício, da miséria e da mercancia”, IX “Noite marselhesa” e XXIII “Adeus à Marselha”), cidade onde Ribeiro Couto reside, apenas confirma que não se trata de uma única viagem, mas sim de viagens esparsas empreendidas durante sua estadia na França.

Por meio da correspondência com Ballard, é possível acompanhar ainda outros deslocamentos de Ribeiro Couto. Em carta de 4 de maio de 1931, ele informa ao editor que está se mudando de Marselha para a capital francesa: “*Un télégramme m'appelle à Paris : je pars à l'improviste. Je ne puis te dire au revoir et à ta tendre et charmante Marcelle que dans ce mot hâtif.*”²⁴ Transferido para a capital francesa a fim de ocupar o cargo de adido na Embaixada, ali permanece até 1932. Em março deste ano, promovido a cônsul de terceira classe, ele anuncia que em breve terá que deixar a França e que espera que a sua partida seja uma ocasião de reencontrar o amigo. A carta de 3 de abril confirma esse desejo: “*Je m'embarque le 10, à Marseille, sur le Campana*”²⁵, seguida por uma resposta emocionada de Ballard que se alegra com a possibilidade de reencontrá-lo: “*Dieu quelle joie*”²⁶.

Os jornais brasileiros anunciam a chegada de Ribeiro Couto ao Rio de Janeiro em 25 de abril²⁷ e podemos encontrar os nomes do escritor e sua esposa na lista de passageiros do Campana²⁸.

O primeiro intercâmbio epistolar depois da partida de Couto é iniciado pelo francês, em carta datada de 4 de novembro, na qual se queixa da ausência de seu querido amigo apelidado de “Oncle d'Amérique”, que lhe trouxe as riquezas de um novo mundo. A resposta de Ribeiro Couto não tarda a chegar e traz notícias do Brasil: ele é agora redator do *Jornal do Brasil*, candidatou-se à Academia Brasileira de Letras e acaba de publicar dois livros. O escritor menciona também a

23 Ibid., JBM 335.13.

24 Ibid., JBM 335.53.

25 Ibid., JBM 335.71.

26 Ibid.

27 Coluna “Hóspedes e Passageiros”. *Jornal do Brasil*, 23 abr. 1932.

28 Sistema de Informação do Arquivo Nacional, Relação de passageiros do Campana (RV 334) BR RJANRIO OL.O.RPV, PRJ.26782.

publicação de um texto intitulado “Evocação de Marselha”, escrito num dia de “*cafard-nostalgie*”, uma expressão utilizada para tentar traduzir ao amigo o sentimento tão lusófono das “saudades”²⁹.

Com base nessa informação, decidimos procurar por esse texto nas bases de dados de jornais brasileiros digitalizados. Na edição de quinta-feira, 25 de agosto, do *Jornal do Brasil*, encontramos a crônica assinada por Ribeiro Couto, na qual evoca lembranças de Marselha. A leitura dessa crônica nos revela que se trata do mesmo texto publicado em *Chão de França*, no capítulo XXIII, intitulado “Adeus à Marselha”. Algumas frases omitidas na versão do relato de viagem — por exemplo, a que abre a crônica (“Subitamente senti agora a saudade de Marselha”) — confirmam que se trata da evocação de uma lembrança. Outras frases suprimidas da versão publicada em livro oferecem ainda mais detalhes sobre a cidade. Isso permite que lancemos a hipótese de que o relato de viagem tenha sido composto a partir das crônicas que Ribeiro Couto publicou nos jornais brasileiros. Essa prática era muito comum na época, consistindo em reunir em livro textos publicados anteriormente em periódicos.

As crônicas publicadas nos jornais

A partir dos títulos dos outros capítulos, procuramos por crônicas publicadas em jornais e revistas no período de 1928 a 1935, ou seja, entre a chegada de Ribeiro Couto à França e a publicação do livro. Graças à plataforma de estudos do Primeiro Modernismo³⁰, um site mantido pela Universidade de São Paulo, pudemos encontrar a referência de 622 textos de nosso autor, organizados por periódicos e data de publicação, o que facilitou consideravelmente nosso trabalho. Assim, identificamos várias crônicas referentes ao período vivido em Marselha bem como às viagens que Couto empreendeu na França e em outros países europeus. Apresentamos, a seguir, as crônicas organizadas por ano, título, periódico e data da publicação:

1928: “Notas sobre Stendhal” (*Jornal do Brasil*, 9 de agosto); “Paris visto do cais do Sena” (*A Província*, Pernambuco, 11 de dezembro); “Lisboa” (*Jornal do Brasil*, 13 de dezembro); “No Porto” (*Jornal do Brasil*, 20 de dezembro); “O Brasileiro que não gosta de Paris” (*Jornal do Brasil*, 27 de dezembro).

1929: “No Havre” (*Para Todos*, 27 de abril); “Meu vizinho e as motocicletas” (*Jornal do Brasil*, 8 de maio); “Manhã de Liseux” (*Para Todos*, 29 de maio); “Minha Santa Teresinha, notas de uma viagem à Lisieux” (*Jornal do Brasil*, 12 de junho); “Notas de uma viagem à Liseux” (*Para Todos*, 6 de julho); “Praias da Normandia, Etretat” (*Para Todos*, 20 de julho); “O Perfume de Uriage-les-Bains” (*Para Todos*, 21 de setembro); “A pequena Roma das Gallias” (*Para Todos*, 28 de setembro); “Subindo o Ródano” (*O Globo*, 4 de novembro); “Delícia e Amargura do Quartier d'Europe” (*Para Todos*, 9 de novembro).

29 Arquivo Cahiers du Sud, Bibliothèque Alcazar, Marseille, JBMs 335.75.

30 Disponível em: <https://www.usp.br/bibliografia/modernismo/>. Acesso em: 31 out. 2023.

1930: “A casa e os brinquedos de Santa Terezinha” (*Para Todos*, 8 de março); “Os tamanquinhos de Liseux” (*Para Todos*, 15 de março); “O noturno da rua Livarot” (*Para Todos*, 29 de março); “A bruxa do país de Bigorre” (*Para Todos*, 5 de abril); “Os peregrinos de Lourdes silenciosa” (*Para Todos*, 5 de abril); “Edmond Rostand, o esquecido” (*Jornal do Brasil*, 2 de abril); “*Trou pas cher*” (*Jornal do Brasil*, 14 de maio); “As curiosidades amáveis do meu quarteirão” (*Jornal do Brasil*, 19 de outubro).

1931: “Adeus a Bayonne” (*Jornal do Brasil*, 29 janvier); “Irun, notas de caderno de viagem” (*Jornal do Brasil*, 4 de março); “A noite de Burgos, notas de caderno de viagem” (*Jornal do Brasil*, 11 de março).

1932: “Escala em Dakar” (*Jornal do Brasil*, 19 de maio); “Evocação de Marselha” (*Jornal do Brasil*, 25 de agosto).

1934: “A canção de Paris” (*Jornal do Brasil*, 8 de fevereiro); “No Reino do Bearn” (*Jornal do Brasil*, 16 de agosto); “Noite de marselhesa” (*Jornal do Brasil*, 23 de agosto); “Costa Azul” (*Jornal do Brasil*, 30 de agosto); “Avignon” (*Jornal do Brasil*, 4 outubro); “O país mistraliano” (*Jornal do Brasil*, 11 de outubro); “Primeira entrevista com a terra de França” (*Jornal do Brasil*, 18 de outubro); “Fécamp” (*Jornal do Brasil*, 8 de novembro); “Lyon, notas de viagem” (*Jornal do Brasil*, 22 de novembro).

Para analisar a composição deste relato de viagem a partir das crônicas, examinaremos o itinerário de viagem conforme apresentado na organização dos capítulos e o confrontaremos às informações sobre os deslocamentos realizados por Couto, obtidas graças à correspondência.

Em primeiro lugar, é surpreendente constatar que a viagem de Ribeiro Couto do Rio de Janeiro à França termina no porto do Havre, que se situa no norte do país, quando era de se esperar que ele desembarcasse em Marselha, cidade para qual efetivamente se dirigia a fim de trabalhar no Consulado Brasileiro. A única menção de sua partida na imprensa brasileira indica apenas que ele embarcara no vapor Bagé, em 10 de outubro, com destino a Marselha³¹. Seguindo a pista do nome do navio, pudemos confirmar que ele, de fato, realizava a ligação entre Santos e Hamburgo, passando pelo Havre³². Portanto, podemos confirmar que a viagem, conforme apresentada no relato, começa efetivamente pelo porto de Havre em 1928 e termina com a partida de Marselha em 1932.

Comparando os títulos e o conteúdo das crônicas com os capítulos do livro, podemos confirmar a hipótese previamente levantada de que *Chão de França* seria uma compilação de textos na qual Couto organiza suas crônicas de viagem sob a forma de um relato. Com efeito, logo que chega à França, no início de outubro de 1928, Ribeiro Couto envia ao *Jornal do Brasil* uma primeira crônica, intitulada “Descoberta da Bahia”, cujo subtítulo é “nota de viagem”³³, relatando a primeira escala na

31 Rubrique “Hóspedes e Viajantes”, *Jornal do Brasil*, 10 de outubro de 1928, p. 10.

32 Buscamos o registro das viagens realizadas por este navio no banco de dados do Arquivo Nacional do Brasil. Podemos, assim, confirmar que tal navio, proveniente de Hamburgo (com escalas em Lisboa, Leixões, Vigo, Le Havre, Roterdã, Antuérpia), atracara em Rio de Janeiro em 28 de setembro de 1928.

33 “A descoberta da Bahia”, *Jornal do Brasil*, 4 de novembro de 1928.

costa brasileira, em Salvador, na viagem que o levaria à França. Outra crônica, publicada em 18 de outubro, relata ainda uma escala na cidade de Recife³⁴. Em dezembro, publica uma crônica descrevendo uma escala em Lisboa³⁵, onde passa apenas um dia, e depois no Porto³⁶, onde passeia por algumas horas pelas ruas dessa cidade guiado pelas lembranças que ali deixara Camilo Castelo Branco.

As crônicas “Paris visto do cais do Sena”³⁷ e “O Brasileiro que não gosta de Paris”³⁸ confirmam a passagem de Ribeiro Couto pela capital no itinerário que o levou do Havre à Marselha. No entanto, o conteúdo dessas crônicas não é o mesmo que o dos capítulos dedicados a Paris em seu relato de viagem.

A primeira crônica publicada em 1929 tem como título “No Havre” (*Para Todos*, 27 de abril) e, portanto, faz referência à sua chegada à França. O início desta crônica relata o desembarque e a primeira visão que ele tem do cais, elementos que são parcialmente retomados no primeiro texto do relato de viagem. O restante da crônica descreve a cidade, sendo ilustrada por duas fotos, informações que não encontraremos no primeiro capítulo do relato de viagem.

A crônica seguinte refere-se à vida de Ribeiro Couto em Marselha e aos infortúnios de ser vizinho de uma oficina de reparação de motocicletas³⁹. As três crônicas subsequentes, intituladas “Manhã de Liseux”, “Minha Santa Teresinha” e “Notas de uma viagem à Liseux”, relatam sua visita a essa cidade e não foram incluídas em seu relato de viagem. Contudo, essa experiência foi recuperada no livreto “Presença de Santa Teresinha”, publicado em 1934 pela editora Civilização Brasileira, e posteriormente traduzido por Manoel Gahisto com o título “*Présence de la Petite Thèrese*”, em 1937.

Nessa espécie de ensaio biográfico sobre Santa Teresinha do Menino Jesus (Teresinha de Lisieux, 1873–1897), Ribeiro Couto apresenta com detalhes a rota percorrida do Havre a Lisieux, comparando-a a uma “peregrinação lírica”, na qual cada cidade simboliza uma das etapas de uma jornada ao mesmo tempo religiosa e poética: Harfleur, Lillebonne, Villequier, Caudebec, Saint-Nicolas de Bliquetuit, Forêt de Brotonne, Pont-Audemer, Pont-l'Évêque. Considerando que Lisieux fica próxima ao Havre, é concebível que o viajante tenha visitado essa cidade antes de se estabelecer em Marselha. Nas últimas linhas desse relato, ao deixar Lisieux, ele informa que chegaria a Paris naquela mesma noite.

34 “Um paulista encantado com Pernambuco”, **A Província**, Pernambuco, 19 de outubro de 1928.

35 “Lisboa”, **Jornal do Brasil**, 13 de dezembro de 1928.

36 “No Porto”, **Jornal do Brasil**, 20 de dezembro de 1928. Esta viagem também pode ser confirmada pela correspondência com Adolfo Casais Monteiro: em uma carta de 7 de julho de 1931, Couto relata que viajou ao Porto duas vezes: a primeira em outubro de 1928 e a segunda em novembro de 1929. MONTEIRO, A. C.; COUTO, R. R. **Correspondência**. São Paulo: Editora Unesp, 2016, p.33.

37 “Paris visto do cais do Sena”, **A Província**, Pernambuco, 11 de dezembro de 1928.

38 “O brasileiro que não gosta de Paris”, **Jornal do Brasil**, 27 de dezembro de 1928.

39 “Meu vizinho e as motocicletas”, **Jornal do Brasil**, 8 de maio de 1929.

Assim como *Chão de França*, esta narrativa é composta de crônicas publicadas e posteriormente compiladas em forma de relato, como a seção intitulada “*Nocturne de la rue Livarot*”, que é uma versão retrabalhada da crônica homônima publicada na revista *Para Todos*, em 20 de março de 1930.

A crônica de 20 de julho, “Praias da Normandia, Étretat”, como indica seu título, também dá conta de suas primeiras visitas a cidades do litoral dessa região, antes de se estabelecer no sul da França. A introdução e a conclusão desta crônica serão recuperadas no capítulo “*A falaise de Étretat*”. Em setembro, mais duas crônicas são publicadas, a primeira sobre Uriage-les-Bains e a segunda sobre Arles. Ambas serão incluídas em seu relato de viagem com os mesmos títulos: “O perfume de Uriage-les-Bains” e “A pequena Roma das Gálias”. Assim como as crônicas anteriores, elas são ilustradas por fotos dessas cidades.

Por meio da correspondência Manuel Bandeira, seu grande amigo e confidente, descobrimos que Ribeiro Couto visita esta cidade em abril de 1929. Sobre suas impressões da região, ele escreve ao poeta: “Estou de volta de Arles, Nîmes, Beaucaire, Tarascon. Sete dias maravilhosos. Quanta maravilha! Quanta obra do romano, dos frades medievais, de tantos artistas obscuros! Enfim, não faço aqui um relatório porque v. terá ocasião de ler um *compte-rendu*.”⁴⁰ Essas últimas palavras sem dúvida fazem referência à crônica que ele planejava publicar.

Em novembro, a crônica intitulada “Subindo o Ródano” descreve a jornada que parte de Arles e segue até Lyon. Ela é reproduzida sob o mesmo título em seu relato de viagem. Considerando a carta enviada a Ballard, que anunciava uma viagem a Grenoble em julho de 1929, é possível imaginar que Ribeiro Couto tenha aproveitado para visitar outras cidades que figuram em seu relato e se encontram no caminho que levam de Marselha até lá, como Arles, Avignon e Uriage-les-Bains, cidade vizinha a Grenoble. A viagem a Lyon, no entanto, só foi empreendida em março de 1930, conforme uma carta enviada a Manuel Bandeira⁴¹. A crônica sobre sua visita a Lyon será publicada em 1934.

No relato de viagem, o itinerário organiza-se assim: inicia-se no Havre, passa por Paris e depois segue para Grenoble e Uriage-les-Bains. Em seguida, dois capítulos são dedicados a Marselha e outro a Côte d'Azur, para finalmente chegar a Arles, cidade a qual são dedicados dois capítulos. A partir de Arles, o narrador segue para Lyon, de onde desce o Ródano para chegar a Avignon, experiência contada no capítulo intitulado “Descendo o Ródano”, também proveniente de uma crônica publicada sob o título “O país mistraliano”, em 1934. Assim, podemos conjecturar que o verdadeiro percurso de viagem tenha sido o seguinte: Havre–Étretat–Fécamp–Paris–Marselha, no final de 1928; em seguida, após o estabelecimento em Marselha, Grenoble–Uriage-les-Bains–Avignon–Arles e retorno a Marselha, em meados de 1929 e, enfim, a viagem a Lyon em 1930.

40 Marselha, 1º de abril de 1929. Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo Ribeiro Couto, Cp31 II-109

41 Marselha, 26 maio de 1930. Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo Ribeiro Couto, Cp31 II-113.

A última crônica publicada em 1929, intitulada “Delícia e Amargura do Quartier d'Europe” e ilustrada por Di Cavalcanti, faz referência à sua breve passagem por Paris e será reproduzida no relato de viagem com o título “Place d'Europe”.

Em 1930, o ano começa com a publicação de três crônicas sobre Liseux: “A casa e os brinquedos de Santa Terezinha”, “Os tamanquinhos de Liseux” e “O noturno da rua Livarot”, publicados em março na revista *Para Todos*. Em abril, mais duas crônicas são publicadas sobre sua visita ao sudoeste da França: “A bruxa do país de Bigorre” e “Os peregrinos de Lourdes silenciosa”, que relatam sua visita à cidade de Lourdes. Ambas são recuperadas no relato de viagem, a primeira com o mesmo título e a segunda com um título adaptado “O único peregrino de Lourdes silenciosa”.

Conforme os cartões-postais enviados a Ballard, já mencionados (datados de 22 de novembro de Burgos e Bayonne), Ribeiro Couto iniciou sua jornada de viagem de Marselha até a Espanha, atravessando os Pireneus, para então seguir para Portugal, em novembro e dezembro de 1929. O relato das visitas a Bayonne, Burgos e Irun serão publicados em forma de crônica, entre janeiro e março de 1931: “Adeus a Bayonne, fragmento de um caderno de viagem”, “Irun, notas de caderno de viagem” e “A noite de Burgos, notas de caderno de viagem”. A crônica sobre Bayonne, renomeada “Sugestões de Bayonne”, será incorporada como o capítulo XXI de seu relato de viagem.

Três cartões postais enviados ao editor dos *Cahiers du Sud*, dois de Briançon e um de Névache, datados respectivamente de 20 e 27 de agosto, revelam que Ribeiro Couto passou uma parte de suas férias de verão nos Alpes, o que é confirmado pela crônica “*Trou pas cher*”, escrita em Briançon, em setembro de 1930. No entanto, essas cidades não são incluídas em seu relato de viagem. Essa omissão é significativa porque lembra que o relato de viagem é uma construção resultante da intenção e seleção do autor. O relato de viagem não abrange toda a experiência da viagem, mas apenas os vestígios dos momentos mais notáveis ou significativos⁴².

Após seu retorno ao Brasil em 1932, Couto publica “Evocação de Marselha”, como já citamos, e outra crônica sobre sua escala em Dakar, após uma travessia marítima de cinco dias. O capítulo intitulado “Escala à Dakar” encerra, assim, seu relato de viagem.

A composição de *Chão de França*

Em resumo, estabelecemos o seguinte quadro para melhor compreender o processo de composição do texto, relacionando a organização dos capítulos no relato de viagem, as crônicas correspondentes a cada um deles, bem como a data presumida da viagem:

42 MICELI, P. **O ponto onde estamos:** viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, séculos XV e XVI). São Paulo: Scritta, 1994, p. 17.

Quadro 1.

Títulos dos capítulos do relato de viagem	Crônicas publicadas nos jornais	Data presumida da viagem
I. Primeira entrevista com a terra de França	“Primeira entrevista com a terra de França”, <i>Jornal do Brasil</i> , 18 de outubro de 1934 “No Havre”, <i>Para Todos</i> (RJ), 27 de abril de 1929	Deixa o Brasil em 17 de outubro de 1928
II. A falaise de Étretat	“Praias da Normandia. Etretat”, <i>Para Todos</i> , 20 de julho de 1929	Novembro de 1928
III. Fécamp	“Fécamp”, <i>Jornal do Brasil</i> , 8 de novembro de 1934	Novembro de 1928
IV. Numa ponte de Paris	“Paris visto do cais do Sena”, <i>A Província</i> (PE), 1928	Novembro–dezembro de 1928
V. Place d'Europe	“Delícia e Amargura do Quartier d'Europe”, <i>Para Todos</i> , 9 de novembro	Novembro–dezembro de 1928
VI. Em Grenoble, com a lembrança de Stendhal	Nenhuma crônica publicada	Julho de 1929 (Carta a Jean Ballard 14/07/29)
VII. O perfume de Uriage-les-Bains	“O perfume de Uriage-les-Bains”, <i>Para Todos</i> (RJ), 21 de abril de 1929	Julho 1929
VIII. Bairro do vício, da miséria e da mercância	Nenhuma crônica publicada	Residência em Marselha, de 1928 a 1930.
IX. Noite de Marselhesa	“Noite marselhesa”, <i>Jornal do Brasil</i> , 23 de agosto de 1934	Residência em Marselha, de 1928 a 1930
X. Costa Azul	“Costa Azul”, <i>Jornal do Brasil</i> , 30 de agosto de 1934.	
XI. A pequena Roma das Gálias	“A pequena Roma das Galias”, <i>Para Todos</i> , 28 de setembro de 1929	Julho de 1929
XII. O sortilégio arlesiano	Nenhuma crônica publicada	Julho de 1929
XIII. Subindo o Ródano	“Subindo o Ródano”, <i>O Globo</i> , 1929	Julho de 1929
XIV. Lyon	“Lyon”, <i>Jornal do Brasil</i> , 22 de novembro de 1934	Julho de 1929

Títulos dos capítulos do relato de viagem	Crônicas publicadas nos jornais	Data presumida da viagem
XV. Descendo o Ródano	“O país mistraliano”, <i>Jornal do Brasil</i> , 11 de outubro de 1934	Julho de 1929
XVI. Avignon	“Avignon”, <i>Jornal do Brasil</i> , 4 de outubro de 1934	Julho de 1929
XVII. Alegria de Toulouse	Nenhuma crônica publicada	Novembro de 1929
XVIII. A bruxa do país de Bigode	“A bruxa do país de Bigorre”, <i>Para Todos</i> (RJ), 5 de abril de 1930	Novembro de 1929
XIX. O único peregrino de Lourdes silenciosa	“Os peregrinos de Lourdes silenciosa”, <i>Para todos</i> (RJ), 5 de abril de 1930	Novembro de 1929
XX. No reino do Bearn	“No reino do Béarn”, <i>Jornal do Brasil</i> , 16 de agosto de 1934	Novembro de 1929
XXI. Sugestões de Bayonne	“Adeus a Bayonne” (fragmentos de um caderno de viagem), 29 de janeiro de 1931	Novembro de 1929 (Cartão postal enviado a Jean Ballard, 22/11/29)
XXII. Passagem do Bidassoa	Nenhuma crônica publicada	Novembro 1929
XXIII. Adeus Marselha	“Evocação de Marselha”, <i>Jornal do Brasil</i> , 25 de agosto de 1932	Abril de 1932 (Carta a Jean Ballard, 03/04/32)
XXIV. Escala em Dakar	“Escala em Dakar”, <i>Jornal do Brasil</i> (RJ), 19 de maio de 1932	Abril 1932

Fonte: Elaborado pela autora.

Dessa forma, podemos conjecturar, acerca da transposição da experiência de viagem em forma de relato, que Ribeiro Couto tenha feito primeiramente anotações de suas impressões em um caderno durante sua estadia na França, como revelam alguns subtítulos das crônicas⁴³. Essas notas foram, em seguida, utilizadas para redigir crônicas, entre 1928 e 1934. É importante notar que, durante seu tempo em Marselha, como não recebia vencimentos do consulado, Ribeiro Couto dependia

43 Essa hipótese encontra apoio em um trecho de *Chão de França*, na qual Ribeiro Couto menciona que desenha no seu caderno as arcadas de um claustro em Bayonne (COUTO, op. cit., p. 174). No entanto, este caderno não se encontra nos arquivos do acervo Ribeiro Couto da Fundação Casa de Rui Barbosa.

financeiramente de seu trabalho como cronista⁴⁴. Dos 24 capítulos do livro, 19 foram publicados durante sua estadia na França, de 1928 a 1932. Um terço da obra, ou seja, 8 crônicas, foram publicadas em 1934, pouco antes de sua publicação em forma livro em 1935, quando Couto já retornara ao Brasil e trabalhava no Ministério das Relações Exteriores.

Do ponto de vista da crítica genética, podemos considerar que o suposto caderno de viagem mencionado por Ribeiro Couto nos títulos de suas crônicas constitui o *avant-texte* essencial da obra, uma vez que serviu de base para a redação das crônicas. Da mesma forma, as próprias crônicas podem ser consideradas uma forma de *avant-texte*, se considerarmos a sua função paratextual, conforme definido por Genette, pois nos permitem “descobrir os caminhos e meios pelos quais o texto se tornou o que é”⁴⁵. No entanto, uma vez que, com as crônicas, só podemos apreender o trabalho de organização da narrativa, preferimos falar em um processo de composição em vez de criação, como geralmente é feito ao estudarmos a gênese de uma obra. Importante é ressaltar que nosso objetivo nessa análise não foi desconstruir o relato de viagem aos olhos do leitor. Pelo contrário, seguindo a visão de Walter Benjamin⁴⁶, consideramos *Chão de França* como a obra de um artesão, e procuramos nele os traços deixados pelo autor na organização do seu texto, assim como a marca das mãos do oleiro aderem a um vaso de terracota.

Considerações finais

Na conclusão desse estudo sobre o processo de composição de *Chão de França*, podemos legitimamente nos perguntar sobre as motivações que levaram nosso autor a decidir reunir essas crônicas em um livro, logo após sua publicação nos jornais brasileiros. É possível que isso lhe tenha permitido não apenas reunir esses textos em um formato mais permanente, mas também mais coerente, do que em sua publicação inicial na imprensa. De fato, observamos que a ordem de publicação das crônicas não segue a ordem cronológica das viagens, por exemplo, a crônica que relatava sua chegada à França só foi publicada no retorno ao Brasil. Ao organizar essas crônicas, Ribeiro Couto lhes confere, além de sua coerência temática, a coerência de uma narrativa de viagem, seguindo a estrutura clássica de chegada, estadia e partida, embora a ordem das viagens empreendidas durante sua estadia não seja cronológica na narrativa. Dessa forma, *Chão de França* pode ser considerado muito mais do que uma coletânea de crônicas.

44 “[...] no Consulado do Brasil, assumiu o cargo que não lhe garantia remuneração. Ganharia dinheiro com as crônicas que escrevia para os jornais cariocas *O Globo* e *Jornal do Brasil*, e *A Província*, de Recife, então dirigido por Gilberto Freyre e no qual assinaria mais tarde a coluna “Carta de Paris”. Complementava o salário com os serviços noturnos que sempre apareciam no Consulado, entre os quais os despachos de navios. No Rio, deixara Manuel Bandeira responsável pelo encaminhamento dos textos aos jornais, remessa do pagamento ao autor e outras atribuições, o que fazia com que o poeta do Curvelo se declarasse o Consulado do Couto no Rio.” BEZERRA, E. **Ribeiro Couto**. São Paulo: Imprensa oficial, 2010, p.21–22.

45 GENETTE, op. cit., p. 404.

46 BENJAMIN, W. “Le Narrateur. Réflexions à propos de l’œuvre de Nicolas Leskov”. In : _____. **Écrits français**. Paris: Gallimard, 2003.

No entanto, talvez a resposta para a pergunta evocada anteriormente esteja no sentido oposto: foi justamente porque desejava publicar o seu relato de viagem logo após o seu retorno ao Brasil é que decide publicar o restante das crônicas em 1934. Uma carta ao escritor Adolfo Casais Monteiro, datada de 2 de novembro de 1934, confirma essa hipótese: o amigo brasileiro conta-lhe que uma editora encomendara a ele um relato de viagem e, por essa razão, aproveitou seus artigos de quinta-feira no *Jornal do Brasil* “para esboçar alguns capítulos do livro sobre a França que logo será publicado.”⁴⁷

Por essa razão, é possível conjecturar que a ausência de prefácio em *Chão de França* seja explicada pelo fato de que os leitores da época já liam Couto nos jornais. Para efeito de comparação, em 1956, ele publica uma coletânea intitulada *Barro do Município*, para a qual escreveu um prefácio. Nessa peça liminar, além de indicar o contexto original e as datas de publicação das crônicas, já que o intervalo de tempo entre as publicações originais e o livro é significativo (elas foram publicadas entre 1932 e 1943, em dois jornais brasileiros), ele justifica também sua reunião devido a sua unidade temática, pois todas expressam esse elemento constante: o amor de Ribeiro Couto por sua terra e seus conterrâneos. Em uma dessas crônicas intitulada “Província sentimental”, o escritor admite que, mesmo tendo viajado pelo mundo e vivido no exterior, seu verdadeiro “chão”⁴⁸ se encontra em um lugar muito específico de seu país natal. Curiosamente, não se trata de sua cidade natal, Santos, mas sim de uma série de cidades onde morou ou que visitou quando exercia a função de procurador público, “nas quais eu não nasci, mas onde me senti renascer”, esclarece. Essas cidades, localizadas em estados diferentes do Brasil (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), formam para ele uma província sentimental, porque se trata de territórios que ele próprio reuniu por amor.

Ao final desta análise, é possível constatar que, embora a estrutura escolhida para seu livro adote a forma de uma narrativa de viagem, pouco importa se seu itinerário simula as etapas de uma única viagem ou se é um pouco incoerente do ponto de vista geográfico, pois, com *Chão de França*, Ribeiro Couto nos apresenta a sua França sentimental, os lugares e as crônicas que ele reuniu por amor a essa terra.

Em 1935, ano de publicação de *Chão de França*, Ribeiro Couto retorna à Europa como representante da Legação do Brasil na Corte de Haia. No início de outubro, ele envia um exemplar do seu relato de viagem ao amigo marseelhês, acompanhado destas palavras:

Je vous envoie, à part, mon livre sur la France, chão de FRANÇA (Chão : le sol, la terre sur laquelle on marche). Un livre de paysage, d'impressions, mais d'amour aussi. Tout plein d'amour pour cette vieille terre, toujours douce, et qu'on ne peut plus oublier.)

Ce livre t'est dédié, à Marcelle, à Gaby, à Brion, à Bébé Drougoul et quelques autres amis. [...] Eh bien, je vous envoie ce livre droit à votre cœur. [...]

47 MONTEIRO; COUTO, op. cit., p. 65.

48 “Acompanha-me por toda parte essa província feliz; é o meu verdadeiro chão.” COUTO, R. **Barro do município**. São Paulo, Editora Anhembi, 1956, p. 15.

*Voici, donc, non pas des fruits, des fleurs, des feuilles et des branches, mais des pages de sympathie, d'affection.*⁴⁹

Nessa missiva, o autor menciona uma série de aspectos essenciais para a recepção de seu livro. Em primeiro lugar, deve-se notar que Ribeiro Couto não vê sua obra como um simples relato de viagem (um livro de paisagens e impressões), mas sim como um livro por meio do qual deseja, acima de tudo, expressar seu carinho pelo país natal de seu amigo, que agora também faz parte do seu “chão” sentimental. Essa chave de recepção é essencial para um público francês, que estaria mais interessado no valor agregado ao texto, uma vez que as paisagens ali descritas lhe são familiares. Mas ela também abre uma chave de leitura para nós, leitores atuais, porque nos faz descobrir a dimensão íntima e emocional ligada à escrita desse relato. Para Ribeiro Couto, a França não é apenas um simples roteiro de viagem, mas uma paisagem sentimental onde cada lugar está impregnado de amor, especialmente a cidade de Marselha, onde viveu por dois anos. Desde o momento em que chega a Marselha, Ribeiro Couto parece ter estabelecido um vínculo profundo com a cidade, como evidenciam as palavras endereçadas a Manuel Bandeira: “Mar, poema completo. Céu, poema completo. Clima, poema completo.”⁵⁰ Para um poeta, não pode haver maior elogio.

Em meados da década de 1960, três anos antes do falecimento do poeta, que agora vivia solitário e doente na Iugoslávia, Marcelle Ballard endereça-lhe uma carta com palavras que resumem toda a jornada de vida de Couto e o lugar ocupado pela França e as amizades ali estabelecidas. Essas palavras poderiam facilmente servir-lhe de epítáfio: “*Vous avez aimé les gens, les pays, les choses, et vous avez tout compris. C'est le privilège des poètes.*”⁵¹

Referências

Arquivo Cahiers du Sud, Bibliothèque Alcazar, Marseille.

Arquivo Ribeiro Couto, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

BENJAMIN, Walter. “Le Narrateur. Réflexions à propos de l'œuvre de Nicolas Leskov”. In : _____. **Écrits français**. Paris: Gallimard, 2003.

BERCHET, J-C. **Voyage en Orient: Anthologie des voyageurs français dans le Levant au XIXe siècle**. Paris: Robert Laffont, 1985.

BEZERRA, Elvia. **Ribeiro Couto**. São Paulo: Imprensa oficial, 2010

COUTO, Rui Ribeiro. **Barro do município**. São Paulo: Anhembi, 1956.

49 Arquivo Cahiers du Sud, Bibliothèque Alcazar, Marseille, JBMs 335.85

50 30 de novembro de 1928, Fundação Casa de Rui Barbosa, Arquivo Ribeiro Couto, Cp31 II-107.

51 Arquivo Cahiers du Sud, Bibliothèque Alcazar, Marseille, JBMs 335.173 21/06/1960

- COUTO, Rui Ribeiro. **Chão de França**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- COUTO, Rui Ribeiro; MONTEIRO, Adolfo Casais; **Correspondência**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- GANNIER, Odile. **La littérature de voyage**. Paris: Ellipses, 2001.
- GENETTE, Gérard. **Seuils**. Paris: Édition du Seuil, 2002.
- LERICHE, Françoise; PAGÈS, Alain (Org.). **Genèse & correspondances**. Paris ITEM : EAC, Éd. des archives contemporaines, impr. 2012, 2012.
- MICELI, Paulo. **O Ponto Onde Estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista (Portugal, séculos XV e XVI)**. São Paulo: Scritta, 1994.
- NITRINI, Sandra. Viagens reais, viagens literárias: escritores brasileiros na França. **Literatura e Sociedade**, v. 3, n. 3, p. 51-61, 4 dez. 1998.
- OUELLET, Réal. **La relation de voyage en Amérique, XVIe-XVIIIe siècles: Au carrefour des genres**. Paris: Hermann, 2015.
- PAIRE, Alain. **Chronique des Cahiers du Sud: 1914-1966**. Paris: IMEC éditions, 1993. (Collection “L’édition contemporaine”).
- PASQUALI, Adrien. “Récit de Voyage et Autobiographie”. In : **Annali d’Italianistica**, vol. 14, 1996, p. 74. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/24007434>>. Acesso em: 19 jul. 2023.
- PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo; **De viagens e de narrativas: viajantes brasileiros no além-mar (1913-1957)**. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Acesso em: 22 jun. 2024.